

O RAIOS DE SOL

A mãe do Antonico está doente, muito doente, tanto que ha muitas semanas não pôde levantar-se da cama.

A casa onde mora a pobre mulher é triste e sombria; nunca lhe dá o sol, o bom sol que tanto nos alegra o coração.

E o mais é que o medico mais d'uma vez lhe tem dito:

— Precisa de sol, minha cara doente; sem elle, difficilmente poderá curar-se.

A mãe do Antonico concorda com a opinião do doutor.

— Sim, sim, — murmura ella — preciso de sol!

— Valha-me Deus! — diz entre si o Antonico — a minha pobre mamã nunca ficará boa, porque não pôde levantar-se para ir tomar o sol!

Esta idéa mortifica o rapazinho. Coitado, pensa, procura, dá tratos á imaginação a ver se encontra meio de proporcionar á sua pobre mãe um pouco de sol, que ha de fazer-lhe tanto bem.

Achou, finalmente!

No campo, onde cresce o trigo, ha sol em abundancia; ás vezes até incommoda a vista com o seu brilho.

O Antonico sabe já o que tem a fazer!

Pega n'um cangirão de barro e dirige-se ao

campo mais proximo; chegando alli, põe o cangirão na terra, inclinando-o de modo que os raios de sol lhe entrem até ao fundo.

Espera um momento; agora já a vasilha deve estar cheia. O Antonico torna a pegar no cangirão, tapa-lhe a bocca com a sua mãosita, para que os raios de sol não fujam, e elleahi volta para casa muito contente.

Agora é que a mamã vae ficar satisfeita. Tem o cangirão cheio de sol; bem lhe sente o calor pelo lado de fóra; não fuja elle! E o Antonico deita a correr o mais que pôde, sentindo não ter azas como os passarinhos.

— Aqui tem, minha mãe, aqui tem um bocado de sol para a curar! — grita elle ao chegar a casa, contando em seguida o que fizera.

A mãe abraçou e beijou o seu querido filho; e com quanto elle nada lhe trouxesse na vasilha de barro, sentiu tal commoção e alegria por ver quanto o Antonico a amava, que melhorou realmente, e, dois dias da cama para ir sentar-se ao sol.

depois, pôde erguer-se ao sol.

O doutor conta o caso a toda a gente, e affiança que o Antonico salvou a mãe com o seu raio de sol.



A FLOR DO PARAIZO

(SOBRE UM MOTIVO DE ANDERSEN)

Uriel, anjo do Senhor, voltava dos jardins do paraíso com um ramo de flores; voava no éther serenamente, quando no espaço viu aproximando-se o globo da terra, o gracioso planeta azul. N'um lado os raios solares punham fortes tons vermelhos nas terras molduradas pelas esmealadas dos mares; no lado opposto a lua cheia branquejava serras e aguas, os altos cumes nevados sobresahiam scintillando como crystaes, mas tudo apparecia sob o transparente véo da

atmosfera azul. Quando o planeta passou mais proximo, girando na sua grande orbita, Uriel sorrindo-se atirou-lhe uma flôr.

Só um pastor viu essa flôr do paraíso cahindo na terra; elle estava no monte, alta noite, a olhar muito attento as estrellas, quando viu cortar a espaço um rapido traço luminoso, uma estrella cadente; esvaiu-se o traço e elle ficou scismando onde iria cahir a estrella do céu. Mas o que o pastor julgava ser estrella despegada do céu e

cahida na terra, não era estrella, era a flôr do paraíso, e eu vou dizer-lhes onde ella cahiu; foi na floresta d'el-rei, n'um sitio mui retirado, junto de um cedro secular. Desceu, e a haste cravou-se n'uma talisca do rochedo.

Ao romper do dia as outras plantas repararam logo na sua nova companheira. Os musgos rasteiros, os fetos, os tojos espinhosos, as feias carquejas estranharam muito aquella planta de extraordinario aspecto.

— Como viria isto parar aqui?

— Nasceu e cresceu entre a tarde e a manhã!

— Que singular aspecto, que extravagante, nunca vi coisa parecida!

— Nem eu; tambem não quero relações com ella, disse o tojo, que se não metta commigo.

— Nem commigo, disse a carqueja.

— Nasceu esta noite e já apresenta flôr, notou um feto, que audacia! que precipitação! porque este feto não fazia senão apresentar muitas folhas verdes e nenhuma flôr mostrava. — Mais tarde, mais tarde, dizia elle se as outras plantas lhe fallavam n'isso, ainda as hei de deslunbrar com uma flôr de pasmal.

E todos os dias repetia a promessa, e nada de mostrar a flôr promettida.

Os musgos acharam muitos defeitos na flôr do paraíso; a corolla era grande relativamente á planta, a haste tão debil, tão flexivel! o primeiro pé de vento prostral-a-hia; depois, aquella aroma penetrante denotava uma certa vaidade. Emfim, só o grande cedro não declarava o seu parecer, estava lá nos altos cimos muito entretido a conversar com a aragem.

Era uma arvore collossal, o tronco parecia uma torre, os ramos compridos braços herculeos sustentando grandes massas de folhagens escuras; e todavia aquella grande arvore, o fortissimo colosso, tão severo e activo, era bom no amago; as suas raizes mergulhavam no interior da terra, a sua rama estrellava-se no ar, no sol, lutando com o vendaval, gosando amorosamente as orvalhadas, as brandas aragens; se passava a tempestade elle vibrava o seu energico hymno de guerra, e se brincava com as brisas soavam nas ramas os suavissimos idyllios. Elle mal conhecia os tojos, as carquejas, os musgos humidos, protegia todos quebrando-lhes as vagas do furacão, aguentando as descargas da saraiva; mal os conhecia, nem dava por elles; os musgos e os fetos até lhe invadiram os grossos troncos rugosos, e os parasitas do colosso vegetavam n'elle e d'elle, orgulhosos por se verem tão altos; elle não cuidava de tal; a principio nem deu pela planta dos jardins do céu, a sua nova protegida.

Uma planta excepcional, na verdade; tão rara que até um illustre professor de botanica, passando por alli a herborisar, ficou admirado vendo-a; e era o mais illustre botanico do paiz, sabio de grande nomeada, um sujeito que passava a vida a colher folhas, flôres, sementes, a seccar tudo entre papeis, de modo que já tinha em casa pilhas e pilhas de papel pardo, e dentro de cada folha uma planta mirrada, uma flôr

secca, todas com as descripções em latim, que é a lingua usada pelos grandes botanicos para fallar de flôres.

Pois o illustre botanico parou, quebrou um raminho, examinou as folhas, colheu uma flôr, desmanchou-a petala a petala, com muita attenção.

— Inteiramente desconhecida! completa novidade botanica! Não está descripta; não pertence a nenhuma especie conhecida! Será uma planta degenerada, uma anomalia? Emfim, concluiu o grande sabio, realicei o meu desejo maior, o meu nome ficará ligado á especie por mim descoberta; a academia de certo me concederá a gloria de dar o meu nome, convenientemente latinizado, a esta bella planta.

O sabio, entusiasmado, correu logo ao seu gabinete para escrever uma memoria sobre a nova especie, com a respectiva descripção no mais solemne e esquisito latim.

Ao tojo, ás carquejas, aos musgos, ao feto não esqueceram as observações do sabio; elles não percebiam bem o sentido das palavras do botanico, mas iam sempre repetindo, alterando a intenção, como tantas vezes succede aos ignorantes que fallam do que não sabem.

— Inteiramente desconhecida!

— Não pertence a nenhuma das especies sabidas!

— Não está descripta!

— Provavelmente, dizia o tojo, não passa de uma planta degenerada, uma anomalia!

— Isto é planta fugida da estufa ou do jardim do rei, deixem vir as primeiras geadas, ajuntava o feto.

— Inteiramente desconhecida! repetiam todos.

— Sem importancia, sem merito algum!

A planta do paraíso cresceu; em breve excedia muito os tojos e as carquejas, que lhe não poupavam ironias e injurias; entenderia ella a linguagem das outras plantas? perceberia as intenções? quem sabe? mas se entendia não o dava a conhecer; lá ia crescendo. As suas hastes flexiveis, sempre ornadas de brilhante e fresca folhagem, vestiam-se na primavera de flôres de incomparavel formosura; as abelhas, as borboletas doidejavam pelas suas nectarias; o seu perfume embalsamava o ar, e de vez em quando deixava cahir uma chuva de petalas, que iam pousar nos tojos, nas carquejas, nos musgos humidos, como em grande festa.

— Tem crescido muito, tem, dizia o tojo, está muito desenvolvida, mas que se não lembre de se metter commigo, os meus espinhos lhe mostrarão quem é o tojo.

— Pois se vier cá para o meu lado, arranhoa-a, ha de ficar marcada, accrescentava a carqueja.

— Sim, tem crescido muito, com muita pressa e precipitação; basta ver aquellas hastes tão delgadas para affirmar que tomba ahí quebrada e morta com o primeiro pé de vento, notava o feto.

Não tombou; veio o vendaval, passou a violenta tempestade, as delicadas hastes vergaram, inclinaram-se um pouco, e logo encontraram o grande braço herculeo do cedro que as amparou e sus-

teve, e, terminada a tempestade, uma das hastes deixou-se ficar um tanto inclinada sobre o negro tronco do cedro, que os rebentos novos logo abraçaram; na primavera seguinte estava o escuro braço do gigante da floresta todo vestido de grinaldas de flores aromaticas, como se o vigor severo se alegrasse na graça das flores, se inebriasse no intenso perfume.

Gentilissima, com o perfume casto da virtude, de lindo rosto onde mysteriosa doença dava um ar de indizível espiritualidade, era uma dama, muito nova ainda, que habitava agora o casal proximo; para alli viera, a mudar de ares, por conselho dos medicos. Todos os dias passeava pelos campos, consolando os pulmões no ar sadio; uma vez quiz ver de perto o grande cedro da matta e ficou encantada com a planta do paraíso; colheu flores e folhas, e voltou ao casal, exuberante de alegria, com um grande ramo aromatico. Nenhum dos campones lhe soube dizer o nome da planta. Nessa noite escreveu muitas cartas, em cada uma metteu uma flor e uma folha da linda planta da floresta;

cartas a parentes, ás amigas, ás antigas companheiras do collegio, e uma, a que levou mais tempo a escrever, a uma pessoa que muito lhe interessava.

Só lhe restava uma folha e essa collocou ella, como signal, entre as paginas de um livro de versos, do seu poeta querido.

Pobre creança! dias depois a doença dominava o seu delicado organismo, e ella morria, ao pôr do sol, no casal da floresta; pouco antes de morrer pediu que lhe abrissem a janella, e apontou para o alto cedro frondoso que sobre-sahia nos densos arvoredos:

— Alli, sob aquelle cedro, está a mais formosa planta; não devem recusar-me o ultimo favor, quero que na sepultura me ponham sob a cabeça o livro do meu poeta querido, com a folha da planta mysteriosa.

Assim fizeram. Só ella, a ingenuamente casta, o meiguissimo coração, crystal de bondade, comprehendeu toda a belleza da planta do paraíso.

(Continúa)

GABRIEL PEREIRA.

MAMÃI NÃO POSSO MAIS!

Mamãi não posso mais! exclamou afflicta,
Nas extorsões da dôr,
A filhinha dilecta de sua alma,
Que desprendeuse e foi colher a palma
Das mãos do Creador.

Como era linda! Na manhã da vida,
Qual flor a desbrochar.
Era o encanto da mãe e dos parentes;
Seus grandes olhos bellos, innocentes,
Acaba-os de fechar.

A molestia fatal — a morte injusta
Que tão cedo cortou,
O mimo, o encanto, a graça e a belleza,
«Oh! tributo cruel da natureza!»
A triste mãe clamou.

E o pranto corria-lhe na face,
O pranto maternal,
Orvalho de seus olhos mimosos,
Que para o céu se volvem lacrimosos,
N'este trance fatal.

«*Mamãi não posso mais!*» disse a creança
Nas extorsões da dôr,
E cercada de anjinhos peregrinos,
Ao som de gratos e celestes hymnos,
Voou ao Creador!

O QUE EU SONHEI...

(AO SR. MATTOS MOREIRA)

Fiquei muito satisfeito
Quando um premio alcancei:
Mas de noite no meu leito
Bem triste coisa sonhei!

Sonhei... se soubesse o quê!
Mas, vá lá, sempre lh'o digo:
Sonhei que vossa mercê,
Estava a brincar commigo!

Pois chamar-me doutorzinho
Em um estylo tão fluente,
É p'ra dar o cavaquinho
No meio de toda a gente.

Pois então, senhor Moreira,
Diga-me vossa excellencia:
Eu serei doutor na asneira,
Ou doutor *in absentia*?

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

Tem sonhos extravagantes
O meu Pequeno Antoninho;
Como o heroe de Cervantes,
Faz frente a qualquer moinho.

Não é doutor *in absentia*,
Nem na asneira, é bem de ver;
Mas com 'tudo e paciencia
Será doutor a valer.



VERSOS AO JULIO

RAZÕES DE BEBEDO

Ambrosio todos os dias
 Lhe bebe a mais uma pinga,
 Por isso alterca e resinga
 A noite ao chegar a casa;
 Vicencia, a cara metade,
 Mil improperios saraiva
 E faz-se fúla de raiva
 Ao vê-lo co'um grão na aza.

Quando elle entra em zigzagues,
 Ella berra, grita e ralha,
 Chama-lhe biltre, canalha,
 Quanto emfim lhe vem á bocca;
 Elle protesta emendar-se
 E em tom de mofa lhe diz
 Que é hoje moda em Pariz
 Trazer na tóla uma touca...

Co'aquelles modos de troça
 Mais a Vicencia se indigna
 E diz que não se resigna
 A tal vida e taes trabalhos;
 Que já está do casamento
 Mil vezes arrependida
 Pois que o vê passar a vida
 De conserva em vinha d'alhos!

Pede-lhe Ambrosio sorrindo
 Que as iras injustas dome,
 Pois co'genio que a consome
 Nem ella engorda nem medra;
 Diz-lhe que, apesar de bebedo,
 Elle é a flor dos rapazes...
 Diz-lhe, enfim, coisas capazes
 De convencer uma pedra!

Ambrosio então, satisfeito,
 Ao deixar Vicencia exangue,
 Limpa a mão suja de sangue
 Ao fato de vinho sujo,
 E diz p'ra si: — Como o homem
 Fôra um bruto eloquente,
 Se a natura desse á gente
 Em vez de lingua um zambujo...

Mas Ambrosia renitente
 E surda á voz da rasão,
 Grita que elle é um ladrão,
 Um homem perdido e máu,
 Que a faz de fel e vinagre,
 Que bebe e joga e namora,
 E que hade ir p'a barra fora
 N'um cavallinho de pau!

Ambrosio perde a pachorra
 E alçando da mão callosa
 Ferra-lhe então uma tosa
 Em quanto lhe dura a gana...
 Cansára-se em vãos discursos
 P'ra convencer a Vicencia,
 Até que por fim convence-a
 Quando lhe toca a pavana...

D. MARIA DO Ó.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

OS DEFENSORES DA AGRICULTURA

(Continuação)

— Os passaros não são os unicos destruidores dos insectos; — continuou o doutor André, satisfeito com o attento auditorio infantil — entre os pequeninos quadrupedes, os reptis e mesmo

mais zelosos defensores, porque se alimenta de caracoes e lesmas, que destroem as plantas leguminosas e as fructas. As suas caçadas são feitas durante a noite, quando os passarinhos repoisam



muitos insectos, contamos nós amigos utilissimos. Devemos collocar na primeira linha um animal inoffensivo, que vossês, seus travessos, costumam martyrisar, porque é feio e repugnante: o sapo.

Póde dizer-se que o sapo é um dos nossos

sob a folhagem. Os serviços que nos prestam os pobres sapos predispõem á benevolencia; não lhes digo, rapazinhos, que lhes façam festas, mas ao menos respeitem-lhe a vida, que é tão preciosa. Os hortelões inglezes reconhecem de tal modo os serviços dos sapos, que levam estes

animaes para as suas propriedades e ahi os conservam.

Ora vejam como a ignorancia é ás vezes funesta: vosses destroem os sapos e os lagartos, que nos protegem as colheitas, ao passo que brincam com os gafanhotos, que são os mais fe-



rozés inimigos da agricultura. Declarem guerra de morte a esses terríveis devastadores dos campos, mas sem os atormentar, porque a crueldade não é permitida, nem mesmo para com os maus. Em França, os rapazes dão caça aos gafanhotos, movidos pelo interesse; por cada

500 cabeças de gafanhotos que entregam ao guarda campestre, recebem aproximadamente meio tostão. É o governo quem satisfaz esta despeza como protecção á agricultura.

A toupeira é também um dos bons auxiliares do lavrador. Não creiam nas pessoas que dizem que a toupeira come as raízes das plantas; é uma perfeita calumniam. Coitada! ella até protege as raízes, destruindo os bichos que as roem. A toupeira nunca se alimenta de vegetaes.

Disse-lhes ainda agora que na classe dos insectos ha algumas especies uteis. Entra n'este numero um a que chamam jardineira. É um insecto de côr verde metálica, que corre pelos campos e pelas ruas dos jardins, sempre á procura das lesmas e das lagartas, para as devorar. Respeitem esse precioso insecto, e respeitem egualmente os grilos, que no inverno costumam vir abrigar-se debaixo das chaminés, alegrando-vos com o seu ruidoso cri-cri.

Outro conselho lhes quero dar, meus rapazinhos: evitem de mecher nos formigueiros, nos cortiços das abelhas, nos buracos das vespas, porque estes insectos tem armas para defender-se e poderiam fazer-lhes pagar bem cara a temeridade.

Afastem-se com o maior cuidado de todas as cobras que encontrarem adormecidas ao sol. N'essa familia ha a vibora, cuja mordedura causa a morte ás creanças. Seria melhor matar este perigoso reptil; mas não se exponham a fazel-o, porque, sendo ainda pequenos, tal imprudencia poderia custar-lhes a vida. E depois, como as creanças não sabem ainda distinguir os animaes prejudiciaes dos uteis, o melhor é não matarem nenhum. Façam o que lhes digo, se querem ser bons rapazinhos.

(Continúa).

GIGI OU A DESCOBERTA D'UMA VOCAÇÃO

(Imitação)

POR MARIA RITA CHIAPPE CADET

V

Debaixo de um alpendre onde se guardavam as carretas e os instrumentos de lavoura, diante de um banco sem um pé, encostado á parede para não cahir, e com uma pedra por assento, o *general* Gigi, assistido dos seus dois officiaes, todos serios e graves como o exigia o caso, mandou chamar á sua presença o prisioneiro, para o interrogar.

O *espião* trazia ainda na mão direita um grande naco de pão, e com a esquerda limpava os beiços de uma boa tijella de caldo, que a piedosa *castellã*, a menina Bertha, lhe mandara dar, em cumprimento da santa obra de misericordia que manda dar socorro aos encarcerados, e não parecia inquieto da sua sorte.

— Por que saltou o muro para a estrada?

Silencio absoluto.

— D'onde vinha e para onde ia? — continuou o *general*.

Mesmo silencio.

— É surdo?

Nada de resposta.

— Onde mora e quem é? — interrogou o tenente Alfredo, sacudindo o pelos hombros.

O rapaz riu-se e começou a comer tranquillamente o seu pão.

— Isto é de mais — exclamou o *general*. Está zombando de mim e dos membros do conselho de guerra?

Cabo — reclame o auxilio de outra *praça*, e leve este homem para a prisão; depois delibera-remos.

A prima Bertha estava admirada de ver a dignidade com que o *general* Gigi sabia fazer justiça, mas o seu coração entristeceu-se quando viu de novo levar o prisioneiro para a capoeira entre os dois filhos do caseiro e o *cabo* Mauricio, e pensou logo em mandar-lhe outra tijella de

caldo; condoída da passiva resignação do prisioneiro, que em seguida á segunda refeição se enroscou como um gato no canto da capoeira, e adormeceu profundamente. A prisão do *espiao* foi um grande acontecimento no campo do *general* Gigi. O avô foi informado, rindo-se muito do caso. Procederam a informações: ninguém tinha visto o rapazinho, a visinhança não o conhecia.

O cabo Maurício tomou minuciosos apontamentos, e o *general* Gigi estava um tanto inquieto pela *gravidade* do assumpto.

VI

Na quinta das meninas Guimarães, tinham-se reunido uns seis ou sete rapazinhos, filhos de caseiros e dois primos das meninas que chegaram do Alto Douro; segundo contara o caseiro de Bertha, era um *exercito*!

Emfim, a tarde ia-se adiantando e nada se notava de extraordinario. O *general* esperou ainda alguns minutos e vendo que não apparecia nada resolveu começar pela sua parte a pôr-se em movimento.

Defronte do portão da quinta das meninas Guimarães, havia um vasto terreno coberto apenas de relva fina e macia como velludo, esmaltada de papoulas e de boninas, optimo para um campo de batalha.

Apenas o pequeno *batalhão* se pôz em marcha com *armas e bagagens*, o *general* Vasconcellos e D. Clara vieram para casa da mãe de Bertha, e foram para o mirante munidos de olhos de theatro.

Estava visto que o *inimigo* não queria sahir da fortaleza.

Iam seguindo a viella que ia da quinta de Bertha para o largo, quando ao chegar perto de uma porta que parecia ser de um velho casarão de guardar carros, e que era pertencente á quinta onde estava o *inimigo*, o tenente Alfredo, que ia na frente, julgou ver a porta entreabrir-se e um olho grande negro e luzidio espreitar pela estreita fenda, cerrando immediatamente.

— Alto! meu *general* temos emboscada!... É aqui onde o *genio strategico* e o sangue frio do *general* Gigi se manifestou.

Lembrou-se que o casebre onde estava o *inimigo* de emboscada não tinha sahida para a quinta senão por duas janellas estreitas e um pouco altas por onde difficilmente poderia passar um homem *armado e equipado*.

O *inimigo* na sua precipitação esquecera a chave da parte de fóra.

N'um abrir e fechar de olhos o *general* Gigi apeou-se do seu *cavallo* (de cana), e expondo a sua vida n'um lance temerario, arrojou-se como um leão á chave e deu-lhe volta.

O *inimigo* estava prisioneiro!

Porém Gigi não adormeceu sobre os louros d'aquella primeira facanha, que um *hourrah!* unisono e ardente do seu exercito saudou com enthusiasmo; faltava saber se era toda ou parte da força *inimiga* que ficara prisioneira.

Vieram até o terreiro; a chave pendia, como

glorioso tropheu, atada na haste da bandeira; mas... oh! desapontamento!!... No alto do torreão luziam ao sol os cascos de papel dourado de oito soldados, e o capitão Raul brandia a sua espada rutilante em signal de desafio!

A lealdade mandava que os dois inimigos estivessem collocados nas mesmas circumstancias; a tropa do *general* Gigi formou no largo, e a do capitão Raul sahiu do portão da quinta que ficou entre-aberto como para proteger alguma retirada imprevista do partido vencido.

Começou a *lucta*!

Depois de meia duzia de empuchões, dados com mais ou menos convicção, havendo já *dois mortos* e um *ferido* estendidos por terra, o capitão Raul no ardor da peleja ia cortar a cabeça a um dos soldados inimigos, quando reparou que era... o mano Alfredo!... cahiu-lhe a espada das mãos e... abraçaram-se ambos.

— Mano! mano! Nós que somos tão amigos!...

No meio do enternecimento geral o *general* Gigi avança a toda a brida no seu cavallinho de cana e desarma o capitão Raul.

Grande confusão!...

O *exercito inimigo* vendo o seu chefe desarmado, rende-se, e confraternisa com o do *general* Gigi, e no meio da algazarra geral levanta-se um brado.

— Viva o *general* Gigi!!!

Este ordena a retirada.

Bertha e as meninas Guimarães vem levantar os feridos, e apesar da sua coragem tem grande difficuldade de aproximar-se dos *mortos* que, estendidos sobre as papoulas, parecem fazer n'um *mar de sangue*! Felizmente um d'elles abre um olho, ri-se pela socapa e deixam-se ambos levar para dentro da quinta por dois *soldados* que vão naturalmente... *enterral-os*; os *feridos* são pensados mesmo no campo da batalha com a applicação de folhas de alfaca e de couve, atadas com tiras de folhas de bananeira.

Emfim o regimento pôe-se em marcha, devendo descansar na quinta da menina Bertha.

Ao passar defronte da porta do casarão, ouvem uns gritos surdos e o *general* Gigi lembra-se que fechara alli quem quer que fosse. Abre a porta e encontra muito chorosos e esfalados de gritar, dois dos seus *soldados*!...

Manda formar o *batalhão* em quadrado, e procede ao interrogatorio.

Eram bem dois dos seus *soldados* que tinham desertado e que pretendiam com armas e bagagens passar para o *exercito inimigo*.

O *general* Gigi estava enfurecido.

Mandou atar com cordas as mãos atraz das costas aos dois culpados, que estavam confusos, e reunindo immediatamente o seu conselho de guerra, deu-lhe parte do crime que fôra commettido.

Houve um grito geral de reprobção.

— *Cobardes! infames!*

Um castigo terrivel devia ser infligido aos culpados, mesmo no campo da batalha; voltaram para traz.

(Continúa).

CONCURSO DE DESENHO

É nosso constante desejo entreter e instruir os jovens leitores do *Jornal da Infância*; por isso, vamos proporcionar-lhes uma distração, que é ao mesmo tempo um incentivo.

Até 15 do proximo mez de outubro podem enviar-nos um desenho, cujas dimensões não excedam metade d'uma pagina do nosso jornal, e que tenha por assumpto: *o sitio onde eu desejava passar as férias.*

O melhor desenho, classificado por um professor, será publicado no jornal, e o auctor receberá um brinde.

Vamos, meus meninos, é trabalhar. Escusado é dizer que confiamos na sua probidade artistica. Os papás vêem, mas não tocam.



ALEGRIAS

Dizia Calino ao seu alfaite:

— Acaba de me tomar a medida para uma casaca azul; mas lembro-me agora que tenho de assistir a um casamento, e então tome outra medida para uma casaca preta.

Uma vendedeira de peixe chegou-se ao bilheteiro da estação do caminho de ferro, e disse-lhe:

— Venha um bilhete.

— Para onde?

— Para onde?! Que lhe importa?... Tenho alguma obrigação de lhe dar parte dos passos que dou?... Ora o homem!

D'uma vez, o philosopho Bias encontrou-se n'um navio com uma chusma de bandidos. De repente, irrompeu um medonho temporal, e todos aquelles miseraveis começaram a pedir aos deuses que lhes acudissem.

— Callem-se, desgraçados! — recommendou-lhes o philosopho — que se os deuses sabem que vossês vão aqui, estamos todos perdidos!

Um sugeito era accusado de um crime grave, e, desde que fôra preso, não tornara a barbear-se. Notando-lhe alguém o descuido, respondeu:

— Não estou para rapar a cara sem saber se a cabeça continuará a pertencer-me. Escuso de perder tempo e dinheiro.

A um cirurgião que lhe passava um attestado de imaginaria molestia pagou um meliante com cinco tostões de chumbo.

— Então o senhor dá-me 500 réis falsos?...

— E a sua certidão é verdadeira?...

HORAS ENTRETIDAS

98 — LOGOGRIPO ACROSTICO POR LETTRAS

(OFFERECIDO, COMO PROVA DE VENERAÇÃO E RESPEITO, À EX.^{ma} SR.^a P. D.)

Ue eu podesse cantar esta cidade 6, 8, 5, 4
Cnde soltei meus infantis gorgeios, 3, 8, 4, 8
Cfnavam-me de ver esta deidade 4, 8, 7, 8
Cisão etherea, em castos enleios, 8, 2, 3, 2, 8
Tst'outra sem ter dó nem piedade 5, 3, 8
Zasceu uma poetisa sem receios, 2, 3, 7, 6, 6, 2
A beber n'este rio d'Allemanha, 6, 8, 1, 2
Ao que tão poucas terras banha, 4, 7, 3, 8

«Para servir-vos braço ás armas feito
Para cantar-vos mente ás musas dado.»

Vizeu

Béné.

99 — CHARADA

Por mais que busque, leitor,
Só acho preposição
Ah! agora me recordo
Tambem é interjeição.

O conceito com certeza
Muito vos deve admirar:
Anda d'um lado p'ra outro,
Sem se tirar d'um logar.

Monchique

CUNHA & C.

100 — CHARADA

(À MENINA D. MARIA THERESA DE CASTILHO)

Vejo-te quasi sempre impertinente — 1
Zombando d'um amor todo pureza — 2
Mas isso fica mal a toda a gente
Que mostra, como tu, tanta belleza.

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

101 — CHARADA

É voz de tri:to lamento — 1
Põe-me o vento em confusão — 1
No catalogo das plantas
Do todo se faz menção.

Vizeu

O NETO DO AVÓ.

102 — CHARADA NOVISSIMA

Em França vóa esta ave — 1 — 2

Vizeu.

Béné.

103 — CHARADA NOVISSIMA

Solitario é parente que se rima — 1 — 2

Vizeu.

CAMAFEU.

104 — CHARADA NOVISSIMA

Mulher, estás alegre; do gato é nome — 2 — 1 — 1

Baleal

FANTOCHE

105 — CHARADA NOVISSIMA

N'este mundo o choro é silencio — 1 — 3

Vizeu.

PETIT GARÇON.

106 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é o animal que guarda os cadaveres?

107 — CHARADA DECAPITADA POR SYLLABAS

Estive em — e vi lá muita gente — das partes de —

Vizeu

Béné.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

90,

ETNA
TEAR
NATA
ARÃO

91, Anacardo — 92, Sobrepeleiz — 93, Garrafa — 94, Borboleta — 95, Carmesim — 96, Cavia — 97, Cabanellas.